

PRÁTICAS ESPORTIVAS ENTRE OS CIDADÃOS ATENIENSES

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa – LHIA/UFRJ

Propomos nesta pesquisa analisar o espaço ocupado pelo treinamento físico na formação dos cidadãos atenienses no decorrer dos séculos V e IV a.C. e a importância dos ginásios e das *palaístrai* como um dos *lugares* públicos que permitiam aos jovens *tornarem-se homens*, parafraseando o título do artigo de Giuseppe Cambiano em *O Homem Grego*.

Neste sentido, estaremos apreendendo a dinâmica existente entre a construção de um ideal de corpo entre os cidadãos e a sua participação e integração cívica na *pólis*. Mais do que objetivos militares, o ideal de uma excelência atlética expressava o sistema de valores essencialmente competitivo dos helenos (Jones, 1997: 177). O espírito agonístico é, segundo Mark Golden, uma característica bastante presente na sociedade grega (Golden, 1998: 28). Vale enfatizar que as competições atléticas se inserem nas noções de cívico e ritual, pois os gregos antigos organizaram as relações com o sagrado através de ações como rituais, festivais, procissões, competições atléticas, oráculos, oferendas e sacrifícios animais (Neils, 1992: 13). Diferente dos combates guerreiros, a violência e a rivalidade aparecem dentro do esporte sob a forma de jogos, concursos, competições mais ou menos ritualizadas (Vanoyeke, 1992: 15). Platão enfatiza que “importa, pois, encher a vida com certa espécie de jogos: sacrifícios, cantos, danças para podermos obter da parte dos deuses a graça de repelir os inimigos e alcançar a vitória nos combates” (Platão. *Leis*. VII, 803 c). A documentação inicial para tal estudo será a *Política* de Aristóteles e as *Leis* de Platão.

A relação entre corpo e gênero também se fará presente em nossa pesquisa. Isto porque “... gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo,...”. Isto significa dizer que nada no corpo determina como a divisão social será definida (Scott, 1994: 13). Concordamos com os especialistas em história de gênero quando defendem a necessidade de novos estudos sobre os grupos dos homens e as relações masculinas, enfatizando que a história de gênero não se restringe somente às mulheres e que os grupos sociais se caracterizam pela heterogeneidade. Logo, não existe um grupo de homens e um de mulheres homogêneos. Neste sentido, oferecer uma releitura acerca dos grupos de homens na *pólis* se constituirá também em uma de nossas propostas¹.

Defendemos nesta pesquisa que o conceito de corpo excede qualquer exclusivismo biológico. Neste sentido, concordamos com o antropólogo J. C. Rodrigues que o corpo porta em si a marca da vida social, ele é sempre uma representação da sociedade, isto porque “.... a experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura²” e que “no corpo está simbolicamente *impressa* a estrutura social; e a atividade corporal (...) não faz mais do que torná-la *expressa*” (Rodrigues, 1975: 62 e 125 – *grifo do autor*). Até mesmo porque, “... uma sociedade só encontra existência nos corpos pulsantes dos seres humanos que a constituem ...” (Rodrigues, 1999: 177). Logo, desvendar

os corpos pulsantes dos cidadãos se constitui em um recurso instigante para se conhecer a sociedade dos atenienses do Período Clássico. Neste sentido, acreditamos que buscar a compreensão da importância da prática esportiva na constituição do corpo cívico ático possa nos permitir *encontrar a existência* desta *pólis*. Neste momento podemos perfeitamente recuperar a afirmação de Richard Sennett de que as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam (Sennett, 1997: 17).

É interessante observar que a prática esportiva entre os helenos possuía uma dinâmica específica que atuava no sentido de explicitar o funcionamento da própria *pólis*. Esta, da mesma forma que o esporte, processava um tipo de coesão social que era mantida por processos de integração, interação sociais, exclusões e conflitos. Este processo de integração era plural e se constituía pela aceitação do *outro*, nos remetendo para as relações de construção e de desconstrução de alteridades e identidades. Ressaltamos que a aceitação do *outro*, na sociedade *políade*, pressupunha a existência de uma hierarquia social. Isto significa afirmar que a sociedade *políade* recorria a estratégias políticas de valorização da diversidade, favorecendo a formação de grupos com lugares hierarquizados, baseados em uma hierarquia jurídica, de prestígio e de honra e vergonha. A dinâmica *políade* pressupunha a aceitação do *outro* e das relações de alteridade à medida que o próprio *kósmos* era a harmonia das diferenças.

Como a religião e a guerra, o esporte também dispunha entre os atenienses de um campo para a criação e reforço das divisões entre grupos e ordenava hierarquicamente esses mesmos grupos. No esporte grego, o discurso da *diferença* tomou três formas específicas:

1ª. O esporte constrói fronteiras entre gregos e estrangeiros e entre grupos de gregos. Helenos competem, estrangeiros não. Dos jogos Olímpicos, por exemplo, os “não-gregos” estavam excluídos;

2ª. O inevitável resultado da competição também gerava diferenças entre vencedores e perdedores. A vitória permitia uma posição privilegiada no interior da estrutura social da *pólis*. Não nos esqueçamos de que a *pólis* era uma sociedade de honra e vergonha;

3ª. O debate acerca do valor relativo dos vários eventos e suas modalidades. Por exemplo, a rivalidade entre a corrida a cavalos e a corrida do atleta, tendo em vista que a primeira modalidade se encontrava associada a uma elite política e econômica (Golden, 1998: 177-178). Cambiano reforça tal posicionamento quando destaca que eram os aristocratas aqueles que tinham maiores possibilidades de treinos preparatórios e também de arcar com os custos dos equipamentos no caso específico das competições eqüestres (Cambiano, 1994: 89).

Tanto para Aristóteles quanto para Platão, a *pólis* deve reservar uma atenção especial para a questão da formação física de seus cidadãos, que se inicia na infância. Se referindo ao mundo contemporâneo, J. C. Rodrigues observa que “... uma sociedade não pode sobreviver sem fixar no

físico de suas crianças algumas similitudes essenciais que as identifiquem e possibilitem a comunicação entre elas” (Rodrigues, 1975: 45). Certamente tal observação também é válida para o mundo antigo grego. Platão ao refletir acerca da formação do cidadão enfatiza que “*a boa educação se revela na capacidade de proporcionar ao corpo – sómata – e à alma - psikhás – toda a beleza – kállista – e excelências possíveis ...*” (Platão. *Leis*. VII, 788c-d. Ver: Aristóteles. *Política*. VIII, 1336 a, 3-5). Aristóteles argumenta tal necessidade afirmando que a negligência das *póleis* a respeito da *paideía* é nociva aos governos – *tàs politeías* (Aristóteles. *Política*. VIII, 1337 a, 1-4).

São basicamente quatro as áreas que constituem a *paideía*³ ateniense: gramática – *grámmata* -, ginástica – *gymnastikèn* -, música – *mousikèn* - e desenho⁴ – *graphikèn* (Aristóteles. *Política*. VIII, 1337 b, 24-27). A prática da ginástica e a música apareciam constantemente associadas, isto porque “eram ingredientes reconhecidos pela *pólis* para a formação do cidadão como modelo de homem” (Cambiano, 1994: 93). Platão associa a música ao benefício da alma e a ginástica ao corpo, subdividindo esta última em dança e luta (Platão. *Leis*. VII, 795 d-e). Já Aristóteles, além de enfatizar a importância do aprendizado da música na formação do cidadão, chama a atenção para o fato de que este estudo “... não deve constituir um obstáculo às atividades subseqüentes, nem amesquinhar o corpo ou inutilizá-lo para as ocupações marciais e cívicas do cidadão, ...” (Aristóteles. *Política*. VIII, 1341 a, 6-9).

Já a ginástica, que entre os helenos era um verdadeiro sistema de educação (Coulet, 1996:80), era entendida sempre como uma prática que contribuía para a *andreía* do cidadão (Aristóteles. *Política*. VIII, 1337 b, 28). Assim como os concursos musicais, as competições de ginástica funcionavam também como demonstração, perante os cidadãos adultos, das capacidades adquiridas pelos jovens. Certamente era um momento em que os jovens experimentavam a sensação de se sentirem *isoí*. Nos jogos os concorrentes pertenciam a todos os grupos sociais, embora o desporto não se constituísse em um componente habitual das atividades de todos os jovens (Cambiano, 1994: 89).

O treinamento físico era, em Atenas, supervisionado por um *paidotribés*⁵ que era responsável pela instrução do jovem nas modalidades esportivas, como corrida, salto em distância, lançamento de dardo e disco, luta livre, etc. A educação recebida pelos jovens atenienses era, segundo V. Vanoyeke, mais esportiva que intelectual (Vanoyeke, 1992:36). Fazer com que os jovens aprendessem os valores *viris* de forma que eles se tornassem homens, em sua total masculinidade também era de responsabilidade do *paidotribés* (Reis, 2002:49). Platão, no *Protagorás*, afirma que “... enviamos [os jovens] aos mestres de ginástica, com o objetivo de que, tendo o corpo são e robusto, possam executar melhor as ordens de um espírito varonil e são, e que a debilidade de seu temperamento não os obrigue a recusar a servir a sua *koinonía*, ...” (Platão. *Protagorás*, 144). A prática dos exercícios físicos permitia aos jovens a obtenção de um corpo em forma, para que este

não ficasse sujeito a fraqueza, o que poderia fazê-lo possuir características femininas, como a covardia, a não virilidade, etc (Reis, 2002:48). Bourdieu ressalta que a virilidade, em seu aspecto ético, isto é, enquanto questão de honra, mantém-se indissociável da virilidade física (Bourdieu, 2002:20). Assim sendo, os exercícios físicos para os helenos além de terem sido um meio de conservar a saúde ou de obtê-la, se constituíam no melhor meio para enrijecer os corpos (Vanoyeke, 1992:14-15). Semelhante posição também é defendida por C. Coulet quando diz que a ginástica não era praticada unicamente para fins de competição, mas como um exercício cotidiano que permitia o desenvolvimento corporal (Coulet, 1996: 80).

Os espaços por excelência para tal prática eram os ginásios e as *palaístrai* (Jones, 1997: 177). Os dois termos não eram sinônimos, porém constituíam um só complexo; podendo ser o ginásio o conjunto formado pela reunião da palestra, campo de exercício cercado de edificações diversas, e do estádio, pista para corrida a pé (Marrou, 1990: 202-203).

Os ginásios, a partir do século VI a.C., se tornaram junto com os teatros os edifícios típicos das *póleis*. C. Coulet defende a hipótese de que o ginásio era um espaço de comunicação na *pólis*, um lugar de encontro, de atividades comuns e de cultura; tendo se tornado no século V a.C. um lugar onde foram difundidas novas idéias, inclusive as vinculadas ao movimento sofista. Por volta dos 12 anos de idade, os jovens, orientados pelo *paidotribés*, executavam todos os exercícios de ginástica; treinando nus, unguídos de óleo⁶ e com acompanhamento musical. Desta forma existia todo um ritual que acompanhava a ginástica (Vanoyeke, 1992: 35). Além da prática da ginástica, os ginásios representavam um espaço onde a vida sexual dos jovens começava a se desenvolver (Cambiano, 1994: 90). O ritual em torno das relações estabelecidas entre um *erômenos* e um *erastés* tinha seu início muitas vezes vinculado ao espaço social dos ginásios (Reis, 2002: 48-51). Inclusive para Bremmer o atletismo e a pederastia passam a ser uma das principais áreas nas quais o espírito competitivo dos *áristhoi* podiam se realizar (Bremmer, 1995: 143). Para além dos jovens, a frequência aos ginásios também se dava por cidadãos adultos e *bem-nascidos*; isto é, aqueles que dispunham de tempo livre – *scholé* – para tal prática. Nos ginásios, os cidadãos adultos tinham a oportunidade de verem os jovens treinando e de conversarem com eles para provocarem o seu interesse (Cambiano, 1994: 90). Porém, “no ginásio, ensinava-se como usar o corpo de forma que ele pudesse desejar e ser desejado com honra” (Sennett, 1997: 42).

O convívio nos ginásios permitia também a constituição de relações de amizade. Concordamos com David Konstan de que a amizade é um entre os diversos relacionamentos que associam o indivíduo à sociedade *políade*, e que atuam no sentido de definir o mundo social da *pólis* (Konstan, 1997: 92). Vernant enfatiza que a amizade liga e rege os espaços público e privado, pois a cada indivíduo cabe um círculo pessoal de amigos e este círculo constitui uma comunidade que pode ser entendido como uma imagem reduzida da *pólis* (Vernant, 2001: 27).

Plutarco ressalta que a amizade exige três fatores: a virtude – *areté* -, a intimidade – *synétheia* - e a utilidade - *chreía* que ao mesmo tempo pode significar relações ou desejos (Plutarco. *Obras Morais. Da pluralidade dos amigos*, 3.94b). Já os especialistas contemporâneos vêem a amizade como sendo sustentada por três bases: 1- a lealdade, 2- a confiança, 3- a reciprocidade, que não implica em um imediatismo (Giner, 1996: 30 e 52), mas que pressupõe um código de fidelidade pessoal (Herman, 1987: passim). Vernant acrescenta a igualdade como fundamental nas relações de amizade; isto porque, “quando se é amigo, mesmo se existir discordância ou rivalidade, é-se igual” (Vernant, 2001:28).

O termo ginásio deriva do grego *gumnoi*, que significa *totalmente* desnudo (Sennett, 1997: 41). A nudez dos corpos entre os gregos antigos tinha significados específicos. Além de se distinguir os fortes dos vulneráveis, o corpo desnudo dos helenos evidenciava quem era civilizado. O atleta grego em qualquer idade se exercitava completamente despido, demarcando sua alteridade face ao *bárbaro* (Marrou, 1990: 200). “A nudez simbolizava um povo inteiramente à vontade na sua *pólis*, expostos e felizes, ao contrário dos bárbaros, que vagavam sem objetivo e sem a proteção da pedra” (Sennett, 1997: 31). R. Sennet associa a nudez à forma de governo democrática adotada pelos atenienses, evidenciando que esta forma de governo dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez, isto porque, o ato de se exhibir confirmava a sua dignidade de cidadão, reforçando os laços cívicos (Sennett, 1997: 30).

A prática esportiva nas suas diferentes modalidades permitia a interação dos diversos grupos de homens/cidadãos no interior da sociedade *políade*, explicitando suas alteridades: helenos e bárbaros, vencedores e derrotados, ricos e pobres, e também a própria heterogeneidade que caracterizava esses grupos. Para além da vitória, as competições esportivas entre os gregos antigos nos remetem à noção do *belo*. Segundo Platão, “... belos são todos os gestos próprios para dar expressão à virtude da alma ou à do corpo ou a qualquer de suas imagens, ...” (Platão. *Leis*. II, 655 b).

Na convivência nos ginásios, os atenienses aprendiam que o corpo era parte de uma coletividade maior, a *pólis*, e que pertencia à *koinonía* (Sennett, 1997: 42). O corpo se tornava um dos elementos de integração dos *isoí* na *pólis*; marcando sua identidade como cidadão. Não nos resta dúvidas de que o corpo humano é socialmente concebido e que a análise da sua representação social nos fornece uma das possíveis vias para a compreensão da sociedade em seu conjunto. O corpo possibilita o enraizamento dos seres humanos no mundo comunitário, se remetendo a si próprio e aos outros corpos ao mesmo tempo, sendo essencialmente no plural (Rodrigues, 1975: 44; Rodrigues, 1999: 179 e 191), assim como a própria *pólis*.

Era através da música, da dança, das competições esportivas, dos rituais cívicos, dos combates, da comensalidade, das trocas simbólicas, dos mitos, da arte e etc., que os gregos antigos -

e por que não nós mesmos - davam aos corpos um *existir humano*. Os corpos como um complexo de símbolos não vivem simplesmente; eles convivem, interagem (Rodrigues, 1999: 192). Eles revelam a própria dinâmica da forma de organização política e cultural inventada pelos helenos: a *pólis*.

NOTAS:

1. No que se refere à Antigüidade Clássica, Lin Foxhall e John Salmon podem ser apontados como referências para os estudos acerca do gênero masculino. Esses dois especialistas publicaram como editores e em parceria duas obras sobre o gênero masculino na Antigüidade: *When Men Were Men: Masculinity, Power & Identity in Classical Antiquity* e *Thinking Men: Masculinity and its Self-Representation in the Classical Tradition*, ambas em 1998.
2. José Carlos Rodrigues define cultura como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social (Rodrigues, 1975: 11).
3. As implicações acerca do conceito de *paideía* são complexas e não serão discutidas nesta comunicação. Sempre que necessário, traduziremos *paidéia* como educação, mas tendo sempre em mente que os gregos não conheceram nada parecido com o conceito contemporâneo de educação. Peter Jones destaca que em Atenas o “ensino” era uma assunto particular, combinado e pago pelos pais e que estes, não eram obrigados a proporcionar uma educação formal a seus filhos (Jones, 1997: 174; Cambiano, 1994: 88).
4. De acordo com Aristóteles, o estudo do desenho leva o homem a prestar maior atenção à beleza corporal (Aristóteles. *Política*. VIII, 1338 b, 41-44).
5. Segundo Marrou, “... era este muito mais que um monitor de ginástica: um verdadeiro educador que, à sua competência esportiva, devia reunir profundo conhecimento das leis da higiene e de tudo o que a ciência médica grega elaborava quanto a observações e prescrições relativas ao desenvolvimento do corpo, os efeitos dos diversos exercícios, os regimes convenientes aos diversos temperamentos” (Marrou, 1990: 196).
6. Talvez a prática mais característica da ginástica grega era a das fricções com unção de azeite (Marrou, 1990: 200).

Documentação:

ARISTOTLE. *Politics*. Trad. H. Rackham. Cambridge: The Loeb Classical Library, 1990.
PLATO. *The Laws*. Trad. R.G. Bury. London: William Heinemann, 2 vols., 1984.
PLATON. “Protagoras”. In: *Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 5^a. Ed., 1951.
PLUTARQUE. *Oeuvres Morales*. Paris: Belles Lettres, 1989.

Bibliografia:

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- BREMMER, J. “Pederastia Grega e Homossexualismo Moderno”. IN: *De Safo a Sade: Momentos da história da Sexualidade*. Campinas: Papyrus, 1995.
- CAMBIANO, G. “Tornar-se Homem”. IN: VERNANT, J.P. (dir.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.
- COULET, C. *Communiquer em Grèce Ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 1996.
- GINER, J.C. *La Amistad: Perspectiva Antropológica*. Barcelona: Icaria, 1996.
- GOLDEN, M. *Sport and Society in Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- HERMAN, G. *Ritualised Friendship and the Greek City*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- JONES, P.V. *O Mundo de Atenas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KONSTAN, D. *Friendship in the Classical World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MARROU, H-I. *História da Educação na Antigüidade*. São Paulo: EPU, 1990.
- NEILS, J. *Goddess and Pólis: The Panathenaic Festival in Ancient Athens*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.
- REIS, R.C.L. *Erastés, erómenos e os aristocratas atenienses*. Rio de Janeiro: PPGHIS, 2002 (Dissertação de Mestrado).
- RODRIGUES, J.C. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
- _____. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- SCOTT, J. “Prefácio a Gender and Politics of History”. IN: *Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças*. Campinas: PAGU/UNICAMP, 1994, v. 3.
- SENNETT, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- VANOYEKE, V. *La Naissance des Jeux Olympiques e le Sport dans l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- VERNANT, J-P. *Entre Mito & Política*. São Paulo: EDUSP, 2001.